

AGRICULTORAS FEIRANTES - PROTAGONISTAS DO DESENVOLVIMENTO LOCAL EM ITAQUI-RS

Albina Graciéla Aguilar Meus ¹

Mariza Moraes Ponce ²

Mariana Polano Posada ³

Luciéle Pacheco Rodrigues ⁴

Luciana Zago Ethur ⁵

Jonas Anderson Simões das Neves ⁶

Resumo:

Há algum tempo, em que as mulheres, têm se mobilizado na luta pelo reconhecimento do seu espaço na sociedade e o importante papel desempenhado na agricultura familiar, fator este que influencia diretamente a produção agrícola. Dessa forma, pretende-se evidenciar a presença das mulheres no meio rural, o perfil ocupacional e, a participação das mesmas nas feiras no município de Itaqui, dando ênfase em sua importante contribuição na geração de renda para a agricultura familiar. Assim, este trabalho tem por objetivo analisar a contribuição das mulheres trabalhadoras rurais e feirantes no processo de desenvolvimento local da agricultura familiar. Os dados foram coletados nos meses de junho e julho de 2017. Participaram das entrevistas doze agricultoras feirantes. A feira é promovida pela Secretaria da Agricultura do município de Itaqui - RS, realizada quinzenalmente. As agricultoras feirantes, público alvo deste trabalho, desenvolvem as mais variadas atividades, o que inclui desde a preparação do solo, plantio e colheita, dividindo o trabalho com os homens na agricultura. Na rotina diária, após algumas horas dedicadas à lavoura, costumam voltar para casa e dedicar-se aos filhos, afazeres domésticos, cuidar dos animais, na preparação dos alimentos e cuidados com horta destinada ao consumo da família. Nessas atividades, as mulheres entrevistadas declararam que não há divisão e são responsáveis por todo trabalho. As agricultoras feirantes se organizaram e fundaram uma agroindústria familiar de panificados, na qual elas reservam uma vez por semana para trabalhar, sendo os panificados destinados tanto a comercialização aos mercados institucionais oferecidos pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), quanto diretamente aos consumidores, nas feiras. Os produtos trazidos pelas agricultoras são oriundos da produção agrícola in natura, minimamente processados e artesanatos, sendo que todas buscam diferenciar seus produtos. A estratégia adotada pelas agricultoras se mostra pertinente tendo em vista que a sua contribuição na renda familiar por vezes supera a do companheiro, evidenciando a importância do trabalho e a sua protagonização no processo do desenvolvimento local.

Palavras-chave: AGRICULTORAS-FEIRANTES; DESENVOLVIMENTO LOCAL

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

AGRICULTORAS FEIRANTES - PROTAGONISTAS DO DESENVOLVIMENTO LOCAL EM ITAQUI-RS

¹ Aluno de graduação. albinameus@gmail.com. Autor principal

² Aluno de graduação. poncemah@gmail.com. Co-autor

³ Aluno de graduação. Marippolano@gmail.com. Co-autor

⁴ Aluno de graduação. lu_rodrigues@gmail.com. Co-autor

⁵ Docente. lucianaethur@unipampa.edu.br. Orientador

⁶ Docente. jonasneves@unipampa.edu.br. Co-orientador



AGRICULTORAS FEIRANTES - PROTAGONISTAS DO DESENVOLVIMENTO LOCAL EM ITAQUI-RS

1. INTRODUÇÃO

Há algum tempo, em que as mulheres, têm se mobilizado na luta pelo reconhecimento do seu espaço na sociedade e o importante papel desempenhado na agricultura familiar, fator este que influencia diretamente a produção agrícola.

Oliveira (2007) demonstra em seu estudo, que são muitos os obstáculos vividos pelas agricultoras, devido à divisão de gênero que submete a mulher a uma posição de sujeição em relação ao homem. Mesmo a mulher contribuindo em parte com o trabalho na agricultura, na feira, e ainda, priorizando o bem estar da família, tem seu trabalho invisibilizado, sendo considerado como mera coadjuvante.

De acordo com Lorenzoni (2007), a mulher vive uma tríplice jornada de trabalho e ainda suporta a desigualdade imposta pela diferença de gênero. O trabalho da mulher nas atividades agropecuárias, assim como, na lavoura, no manejo com os animais da propriedade e, ainda na cooperativa, é visto como uma extensão do seu papel de mãe e dona de casa, marcando a distinção de gênero no mundo rural (PEREIRA, 2015).

Apesar das agricultoras desempenharem uma intensa jornada de trabalho, de relevância no processo de desenvolvimento local, verifica-se que a atividade produtiva da mulher na divisão do trabalho, muitas vezes, é vista apenas como uma ajuda (OLIVEIRA, 2007).

Dessa forma, pretende-se evidenciar a presença das mulheres no meio rural, o perfil ocupacional e, a participação das mesmas nas feiras no município de Itaqui, dando ênfase em sua importante contribuição na geração de renda para a agricultura familiar. Assim, este trabalho tem por objetivo analisar a contribuição das mulheres trabalhadoras rurais e feirantes no processo de desenvolvimento local da agricultura familiar.

2. METODOLOGIA

Através da metodologia, procurou-se organizar as informações referentes às mulheres agricultoras e feirantes que fazem parte da Feira do Produtor do município de Itaqui-RS. O método de estudo empregado neste trabalho foi a pesquisa qualitativa. Os dados foram coletados a partir de entrevistas, seguindo um roteiro de perguntas semiestruturadas, ao qual, buscou-se obter as seguintes informações: idade, número de filhos, rotina de atividades diárias, atividades remuneradas, afazeres domésticos, religião.

Para Fonseca (2002), a pesquisa de campo se caracteriza pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e documental, se realiza coleta de dados junto às pessoas. A pesquisa deste trabalho possui caráter descritivo, pois se buscou informações através do levantamento de dados por meio do roteiro de entrevistas semiestruturadas. A abordagem utilizada na pesquisa foi qualitativa, pois buscou compreender o fenômeno como um todo. Os dados foram analisados por meio da técnica análise de conteúdo.

As perguntas buscam evidenciar a função destas mulheres na Feira, como protagonistas do desenvolvimento da sua localidade na geração de renda para suas famílias.

As informações foram coletadas presencialmente no local onde é realizada a feira no município de Itaqui, sendo que, previamente a entrevista, foi realizado um convite às participantes da pesquisa, e, somente após seu consentimento, procedeu-se a entrevista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram coletados nos meses de junho e julho de 2017. Participaram das entrevistas doze agricultoras feirantes. A feira é promovida pela Secretaria da Agricultura do município de Itaqui - RS, realizada quinzenalmente. As agricultoras feirantes, público alvo deste trabalho, desenvolvem as mais variadas atividades, o que inclui desde a preparação do solo, plantio e colheita, dividindo o trabalho com os homens na agricultura. Na rotina diária, após algumas horas dedicadas à lavoura, costumam voltar para casa e dedicar-se aos filhos, afazeres domésticos, cuidar dos animais, na preparação dos alimentos e cuidados com horta destinada ao consumo da família. Nessas atividades, as mulheres entrevistadas declararam que não há divisão e são responsáveis por todo trabalho. Dessa forma, pode-se dizer que as mulheres contribuem muito na dinâmica cotidiana em todas as atividades produtivas e reprodutivas na unidade familiar sem que, muitas vezes, haja reconhecimento do seu trabalho (GOUVEIA, 2003).

Em relação à idade, pode-se verificar que 75% (n=9) das mulheres têm entre 40 e 65 anos e 25% (n=3) possuem idade de 24 a 39 anos, todas entrevistadas são feirantes, identificando-se ainda o predomínio delas entre os expositores da feira. Da mesma forma, são as próprias feirantes que realizam o processamento dos produtos comercializados. Diante deste cenário, Jahn (2013) constatou que as mulheres que vivem no campo estão envelhecendo, embora continuem fazendo uma luta silenciosa de resistência ao modelo capitalista, visto que no campo estas vêm preservando e reproduzindo saberes populares na produção de alimentos.

As agricultoras feirantes se organizaram e fundaram uma agroindústria familiar de panificados, na qual elas reservam uma vez por semana para trabalhar, sendo os panificados destinados tanto a comercialização aos mercados institucionais oferecidos pelo Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), quanto diretamente aos consumidores, nas feiras. Os produtos trazidos pelas agricultoras são oriundos da produção agrícola *in natura*, minimamente processados e artesanatos, sendo que todas buscam diferenciar seus produtos. Quando questionadas sobre o destino dos lucros obtidos por seus trabalhos, todas mulheres afirmaram que é gasto nas despesas da família. Apesar de toda contribuição dessas agricultoras feirantes na renda da família, apenas o homem ainda é reconhecido como provedor da família. Nesse sentido, corroborando as conclusões de Neves (2016), ao identificar que, apesar da centralidade do papel feminino na agricultura familiar, continuam ocupando posições subordinadas, de forma que a possibilidade de uma construção de identidade social e profissional enquanto agricultoras torna-se inviabilizada.

Foi levantado nas entrevistas que de todas as participantes 16,7% (n=2) não possuem filhos e que 83,3% (n=10) possuem filhos. A média de filhos das que possuem é de 2,5 filhos por família, sendo que destes apenas 32% estudam e moram na área rural, embora alguns, ainda menores de 18 anos, tenham que se deslocar para o meio urbano para estudar ao chegarem ao ensino médio, pois a oferta deste estágio educacional no espaço urbano é bastante precária. Segundo relata uma das agricultoras, “depois começam a namorar, aí logo se casam, e permanecem na cidade” (Agricultora, 54 anos), revelando assim, o quanto a

dificuldade de acesso ao ensino nos espaços rurais colabora para os processos de envelhecimento e masculinização do campo observados no Brasil.

Buscou-se, ainda, analisar o papel da mulher nas atividades laborais da família rural, com ênfase no desenvolvimento local. As agricultoras feirantes têm uma longa jornada de trabalho. Diante disso, não resta muito tempo para atividades de lazer e tempo para cuidados com a beleza. A vinda a cidade para expor seus produtos na feira torna-se um momento de lazer, como citado por algumas: "... é a oportunidade de encontrar familiares e aproveitar para fazer compras" (Agricultora, 26 anos).

Um aspecto levantado foi a religião, que por elas foi descrita como uma atividade de lazer, verificando-se que 58% participam de uma comunidade religiosa, bem como que, duas vezes por semana, frequentam os encontros. Confirmando os dados levantados por Daboit (1996), em que a igreja teve papel fundamental na mudança da vida das mulheres agricultoras em relação a atividades comunitárias. A integração dessas mulheres a comunidades religiosas possibilita relações sociais de forma a se organizar e protagonizar o desenvolvimento do local onde estão inseridas.

As agricultoras feirantes, quando perguntadas a respeito do que faziam em momentos de lazer, foram unânimes em afirmar que são raros, e que gostariam de ter mais tempo para passear em parques, se exercitar e visitar parentes. Brumer (2004) constatou que no meio rural o lazer é privilégio de poucos, mães não podem levar os filhos em passeios por que os animais domésticos requerem cuidados diários.

Em relação aos planos para o futuro, citam desejos relacionados ao bem estar da família, objetivando uma vida melhor e maior conforto no seu lar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados sobre a questões da mulher no campo e em relação a sua participação nas atividades apontam para a questão de gênero e para a indiferença por elas sofrida em relação ao seu desempenho laboral e sua contribuição na geração de renda da família. As agricultoras feirantes que participaram deste trabalho refletem uma triste realidade da representação da mulher na sociedade, a subordinação perante o homem e o descaso pelo seu trabalho, sendo julgado como mera ajuda. O estudo revela que a mulher não é apenas coadjuvante no sustento da família, mas mais do que isso, ela protagoniza o desenvolvimento local.

A sua árdua jornada de trabalho, com participação expressiva nas diferentes atividades agrícolas e domésticas, em promoção da melhoria de condições de vida da sua família, evidencia que o trabalho da mulher não é apenas uma mera ajuda. Muitas vezes ultrapassando as horas trabalhadas em relação ao homem, pois conciliam atividades agrícolas, incluindo horta e cuidados com os animais, afazeres domésticos e filhos, se dedicam a sua comunidade participando de associações, produção de artesanatos, trabalhos na igreja.

Para que as agricultoras superem a desigualdade vivenciada é importante que alguns conceitos tradicionais sejam ultrapassados, utilizando estratégias que possibilitem a notoriedade da mulher enquanto promotora do desenvolvimento.

A estratégia adotada pelas agricultoras se mostra pertinente tendo em vista que a sua contribuição na renda familiar por vezes supera a do companheiro,

evidenciando a importância do trabalho e a sua contribuição no processo do desenvolvimento local vinculando-se a entidades sociais.

5. REFERÊNCIAS

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Revistas de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 205-227, 2004.

BRUMER, A; DOS ANJOS, G. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. *Revista Nera*, Presidente Prudente, v. 11, n. 12, p. 6-17, 2008.

DABOIT, P. C. Do sócio-religioso ao sócio-político: a nova relação entre o movimento de mulheres agricultoras e a igreja católica no oeste Catarinense. 113f. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política), Centro de Filosofia e Ciências Humanas Faculdade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GOUVEIA, T. Muito trabalho e nenhum poder marcam as vidas das agricultoras familiares. Relatório. Observatório da Cidadania, Ibase, Rio de Janeiro, 2003, pp.44-49.

JAHN, E. de F. Envelhecimento do campo e o movimento de mulheres camponesas: desafios e perspectivas. *Revista Grifos*, n. 34/35, p. 113-132, 2013.

LORENZONI, C. A violência nas relações de gênero e classe: uma interpretação a partir das mulheres camponesas no Rio Grande do Sul. *Revista Libertas*, edição especial, p.80 - 97, fev/2007.

MESQUITA, L. A. P.; MENDES, E. P. P. Mulheres Na Agricultura Familiar: A Comunidade Rancharia. 137f. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, 2013.

NEVES, A. S. Das. O trabalho e a construção da identidade feminina na agricultura familiar. *Estudos de sociologia, Recife*, vol. 2 n. 22, 2016.

OLIVEIRA, P. R. C; SILVA, K. de A; VIEIRA, T. de B; LORETO, M. das D. S. de. Agricultura familiar e as relações de gênero: um estudo da trajetória da mulher na agricultura familiar. In: *Semana Acadêmica da FDV*; 2007, Viçosa, 2007.

PEREIRA, R. S. Abordagem teórica sobre a questão de gênero e desenvolvimento rural: dos projetos assistenciais ao planejamento de gênero. In: STADUTO, J. A. R.; Souza, M.; NASCIMENTO, C. A. *Desenvolvimento Rural e Gênero: abordagens analíticas, estratégias e políticas públicas*. PORTO ALEGRE: UFRGS, 2015, p. 17-41.

SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, E. T.;
SILVEIRA, D. t. Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2009, p. 31-42.